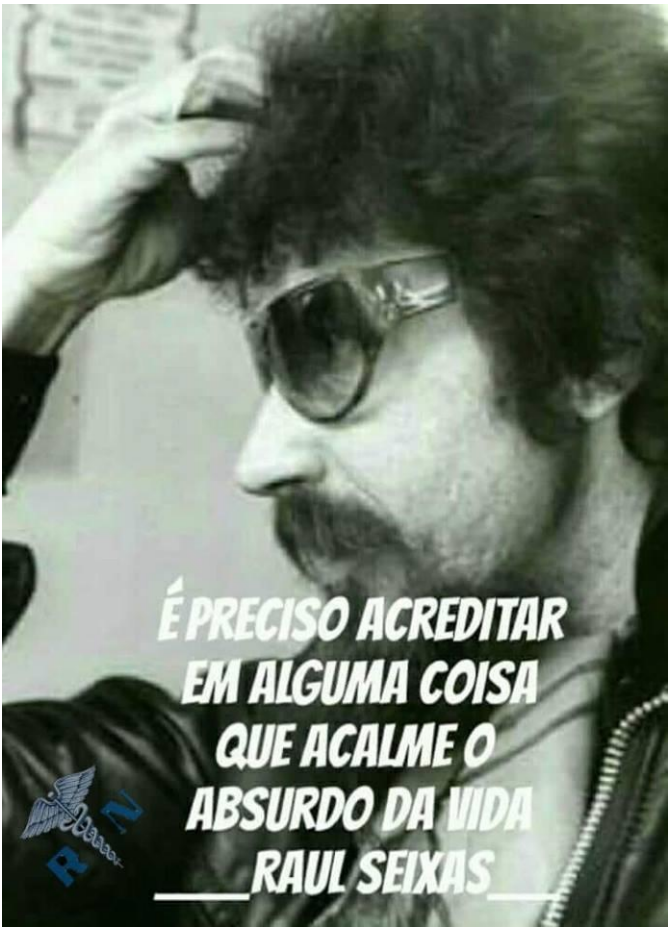
O Suicídio Metafórico de Raul Seixas

Isaac Soares de Souza

"A ÚNICA COISA QUE EU ESPERO DA VIDA É A MORTE."

(Isaac Soares de Souza)



Deonísio da Silva

OS DEUSES CORREM NO CÉU

A palavra "deus" veio do Grego "theós", aquele que corre, do mesmo étimo do verbo "theîn", correr. Carreira, em grego, é "theónta".

Os primeiros deuses foram astros e outros corpos celestes correndo em desabalada carreira pelo céu... (Palavras de Sócrates, em "Crátilo", de Platão).

“SE EU QUISER FALAR COM DEUS”

Isaac Soares de Souza

Se eu quiser falar com "Deus... Solve" tudo que respira sobre a Terra,
Tenho de me humilhar como o fez Gil,
Preciso me prostrar feito um imbecil,
Excruciado, reptiliado tal e qual uma figura amorfa, uma ameba,
Lamber a terra e as botinas do Todo-Poderoso
Caso contrário, Ele não perdoará os meus pecados, que são os pecados Dele,
Pois quem e Aquele Espirito que nunca morre,
Onisciente e Onipresente,
Que criou essa raça humana maldita
moldada a ferro e fogo

em eterna desdita,
Senão Ele, DEUS?
Quem criou o pecado e a noite dos desesperados
Não fui eu, foi Deus
Ao perceber que tinha feito merda
transformou o ser humano num palerma
e ao fogo eterno o condenou
Logo após, sem nenhum resquício de piedade e nem dó,
Humilhou e destruiu a família de seu servo Jó,
e sobre ele despejou a lepra, matou sua criação e secou sua terra
Só para provar o seu poderio
Num embate entre Ele e o Diabo
Ser angelical e nada macabro,
Braço direito de Deus
e logo depois, numa estória feijão com arroz,
Dessas que não ludibriam nem mesmo a uma criança
Matou a esperança e com toda sua jactância
Permitiu num homicídio doloso
Todo vaidoso
que seu filho Jesus fosse crucificado,
traído e vilipendiado
pelos seres retardados que Ele engendrou
só para salvar os pecados da humanidade
esse Ser Divino desprovido de piedade
Inventou de inventar o pecado
e à partir daí todos os seres se transformaram em marionetes
E surgiu o assassino cristianismo
Seitas e religiões, fanatismos e outros "ismos"
E a fatal Inquisição

O Suicídio Metafórico de Raul Seixas

Isaac Soares de Souza

Ainda hoje atuante
Desde os púlpitos amaldiçoados das igrejas
arregimentadoras de um abissal rebanho de seres tacanhos
cuja fé arrasta essa casta aos mais terríveis preconceitos,
guerras, genocídios e à imbecilidade de todo e qualquer indivíduo,
que tem ouvidos mas não ouve a voz libertadora do pensamento
Se eu quiser falar com Deus
tenho de ser como um jumento
e carregar no lombo uma pilha de sofrimento
Pra apenas ter um punhado de capim como galardão
Tenho de lamber sabão e tenho de beijar a mão
do papa, dos satrapas e dos pastores
condutores de ovelhas perdidas
E depois de tão medonho sofrimento
Será me dada a mais hedionda das imundícies
que acaba de vez com a esperança de todo ser que aqui vive
neste mundo "i"mundo em declive:
O meu transporte
desta vida cróia ao portal da Morte
Portanto, eu nunca quis falar com Deus,
Pois não tenho a certeza de que Ele criou ao homem
Ou se foi o homem quem criou DEUS!

O Suicídio Metafórico de Raul Seixas

Isaac Soares de Souza



-Suicídio é que nem uma mulher bonita num bar. Você olha ela e algo dentro de você cresce e diz 'eu preciso dessa mulher pra mim'. Aí você pede um whisky e começa a pensar no que falar pra ela. Eu pergunto o

nome dela? Ou eu chego me apresentando? Eu pergunto o que ela gosta de fazer ou tento encantar ela com as coisas que eu gosto? Você vai ficando nervoso, pede mais uma bebida e se questiona: por que eu quero essa mulher tanto? Mas você não consegue responder. É algo maior que você. Quando você finalmente toma coragem e se levanta, o caminho entre o balcão e ela parece uma eternidade. Você chega perto dela e trava. Fica com medo. Você desiste e volta pra casa agoniado por não ter conseguido falar com aquela mulher. Chega em casa e se masturba pensando naquela mulher. Você não consegue entender o conflito entre existir algo dentro de você dizendo que você quer; e, quando você tenta fazer, outra coisa dentro de você diz que não é pra fazer. Suicídio é que nem uma mulher bonita num bar.

-

Charles Bukowski

"TODOS NÓS VAMOS MORRER, QUE CIRCO! SÓ ISSO DEVERIA FAZER COM QUE AMÁSSEMOS MAIS UNS AOS OUTROS, MAS NÃO FAZ."

Darcy Ribeiro, bravo cívico, romancista de talento imensurável, antropólogo, filósofo e cuja obra

literária ímpar ainda permanece aquém do reconhecimento merecido pelos que se arvoram em arrotar intelectualidade no Brasil, em seu livro de memórias "CONFISSÕES", (págs. 86/87-Editora Companhia de Bolso, 1ª edição, São Paulo/Companhia das Letras2012) descreveu em texto sem paralelo o retrato 3x4 do significado da vida de tal forma intrínseca, que a vida toda, desde que o li e reli um número de vezes incontáveis que, ainda hoje, anos depois e já na casa de seis décadas de vida, penso que quem escreveu o referido texto fui eu e que o mesmo foi transcrito pelo antropólogo em seu livro, pois a ideia dele sobre o significado da vida é a mesma que nutro desde a mais tenra infância. "A vida é enfermidades da matéria, amor e pestilência. Vossa fonte vital é a caldeira intestinal turbilhonante que carregais, movida a miasmas de fervilhante coalhada podre. É o rio rubro de sangue vivo, enxameado de glóbulos e amebas que vos percorrem em guerra sangrenta, nutrindo nervos e carnes, saneando, excretando. Tudo isso astuciosamente centrado ao redor de vossas gônadas; aureolado pela energia espiritual da tesão; freado, sofreado, pelas rédeas do orgasmo e do cansaço. Amar é o preço de viver. Sexos e flores, erotizando e florescendo, multiplicam a vida. Assim vos faz a natureza, perdulária, jorrando vida

prodigiosamente parada morte nutrir mais vida... Atolados na vida, amais engolfados uns nos outros, machos e fêmeas, afogados em rios de esperma. Nascidos, saem da matéria cósmica corrompida pela vida, como gota emprestada de matéria vivente, acesa de fome insaciável para comer e expandir-se e de erotismo para transar e reproduzir. Viveis absorvendo e desgastando imensidades de matéria putrível para prosseguir na fermentação fabulosa que é a vida, num derrame prodigioso de energia, concatenado pelo amor para a morte. Mortos, morreis vivendo uma exaltação final de purulência furiosa, que vos lava das carnes para vos devolver ao universo como átomos tão limpos de vós, que não levam marca nenhuma, nem sequer a mais remota memória de que um dia esplenderam e fenderam como matéria vivente." "És pó e ao pó tornarás..." Terminal condenação exarada à raça humana e a tudo o que respira, porque somos átomo, subnitrato de coisa nenhuma: animais, plantas e toa a natureza em festa colossal rumo à morte, que é eterna e que é vida, pois, sem a morte a vida se extinguiria, ela é a grande mater guia, o que me leva a convicção de que viver é o mesmo que morrer desde o primeiro suspiro ao ser espirrado do útero materno, iniciamos nossa curta jornada rumo à eternidade: A MORTE. Jesus Cristo fora categórico quando afirmou: "É

morrendo que se vive para a vida eterna." Somos átomos e a nossa morte iminente significa renascimento, mesmo porque nossos restos alimentarão as ervas, estercarão a terra e as ervas alimentarão outro homem e nós continuaremos neste outro ser alimentado pelas nossas cinzas e assim sucessivamente e então, embora cause pânico e medo tétrico, a morte é mais forte e desejável, mesmo inconscientemente.

Toda a minha vida fútil e de pobre e desmembrado de quaisquer vínculos com o poder institucionalizado e religioso foi presidida por uma postura ética de respeito cego pelo humano, pois este é dos meus mais preciosos bens, maior do que toda fortuna almejada pela maioria dos seres. Respeitar a vida e respeitar mais ainda a morte, seja ela natural ou provocada por alguém que decide não mais viver. A minha vida inteira de labuta, complexos humanos tão presentes na ideologia ainda buscada pelos adolescentes e que às vezes acabam transportando esses jovens e tantas pessoas ao caminho do suicídio e/ou do autocídio, eu tinha comigo guardada a sete chaves, num autoclave cravado no âmago, a convicção de que qualquer ser humano tem o direito de decidir quando quer cessar sua estadia neste orbe negro e sem muita perspectiva. Suicídio, dizia eu, é para gente de

talento e de coragem indômita. Cada qual é dono de si e comandante máximo da sua própria vida. Quando um ser humano decide que não quer mais continuar a labuta da vida e almeja a morte, fatalmente ele tem todo direito de matar-se, de atentar contra a própria vida. Óbvio que, aqueles que o cercam, amigos, parentes e amigos, filhos e netos e cônjuges se arvorarão em choradeiras e maremotos de lágrimas e de inconformismo e aqueles que o circundam e apenas conheciam o suicida, desolados e inconformados, jamais aprovarão ato tido e havido como um dos mais insanos e inaceitáveis e para os que professam qualquer tipo de fé e se pautam pelos ensinamentos religiosos, o suicida não terá jamais o perdão divino, pois creem que a vida é dádiva divina e que somente Deus tem o direito de decisão sobre a vida. Ora, se fomos todos criados à imagem e semelhança de Deus, significa que somos todos deuses e com poderes de decisão idênticos aos poderes daquele que nos criou e dotados dos mesmos atrativos ou preconceitos e ódios, amor e complexos tais e quais os do próprio Criador. Porque somos a imagem e semelhança Dele e se assim fomos criados e afundados num abissal persigal como é o mundo em toda a sua imundície humana e fomos criados para a morte, todo e qualquer ser humano possui poder de decisão sobre

sua vida e quando qualquer ser decidir que não quer mais viver, que lhe permitam enfiar um balaço nas têmporas, ingerir veneno, enfocar-se ou matar-se da forma que escolher. Obviamente que, todos tentarão remover a ideia de suicídio apresentada ou pressentida em qualquer pessoa próxima, acarretada vezes incontáveis por qualquer meio que leve o propenso ao autocídio a enraizar em seu âmago o desejo inaceitável de tirar a própria vida, são inúmeros os fatores humanos e psicológicos que induzem pessoas ao ato de matar-se, entretanto, existem pessoas que simplesmente decidem por um final à própria vida, simplesmente porque desistiram de continuar vivendo. Eu, por exemplo, desde menino sempre me perguntei: "Eu não fui consultado se queria nascer, não decidi se queria vir ao mundo. Então, eu decido se quero continuar vivo." Quando jovem, reunido em torno de uma mesa de bar com amigos sempre discutíamos sobre o ato e a coragem de matar-se, e o veredicto unânime era de que o suicídio era mesmo um ato supremo de vontade de um homem corajoso e de intrepidez ímpar e, às vezes apostávamos quem dentre nós seria o primeiro a meter uma bala na cabeça ou dependurar-se numa corda e alguns dentre nós, arriscavam a tenebrosa roleta russa, brincadeira nefanda que sempre me apavorava e fazia com que

eu nunca tivesse a coragem e o sangue-frio de assistir a cenas tão arrepiantes e macabras. Vários amigos meus se mataram enforcados, atirando em suas próprias cabeças, cortando os pulsos atirando-se à frente de trens, caminhões ou atirando-se do alto de edifícios, tomando formicida ou veneno de ratos. Eu, que a vida toda permaneci favorável ao suicídio como direito pessoal, tive a sorte de escolher viver, mesmo a duras penas, nem que houvesse a necessidade de arrancar as melenas ou de chegar ao cúmulo de ter de comer bosta para sobreviver, porque a covardia sempre me acompanhou e sempre me colocou em um patamar no qual a vida, mesmo podrida e que nunca será páreo para a morte, me encanta e só me faz pensar na sua incapacidade e fraqueza diante da morte saprófaga, exatamente por ser tão curta e célere e se extinguir rápida e sorrateira quanto uma simples fagulha ao vento. A vida é tão ineficiente e sem métrica e sem rima, mantida à esgrima, aos trancos e barrancos, que todo ser humano, desde o nascimento, seja ele vencedor ou perdedor contumaz, é arrasado psicologicamente pela tortura da morte e mais dia menos dia será empalado e morto com um pau enfiado nos intestinos, à maneira de alguns torturados pela ditadura militar, que em ocasiões propícias fazia uso do método usado na

antiga Transilvânia pelo empalador Vlade Tepes. Se a morte é a ressurreição da vida, temer a morte significa não querer viver, portanto, o suicida se assemelha a um kamikaze, ele marcha ao encontro da ressurreição e covardes somos nós, todos os humanos, sobreviventes da vida que também terminará morta.

Tema deveras polêmico, o suicídio, assim como o homicídio, ambos estudados por especialistas de várias vertentes, médicos, religiosos, psicólogos, psiquiatras, etc. Jamais se chegará a um consenso real e nenhuma explicação lógica poderia descrever com exatidão o motivo que incita qualquer ser humano a cometer o autocídio ou a assassinar ao semelhante por coisas banais. A forma mais direta e aceitável para destrinchar essas práticas humanas e animais, pois existem comprovações de que alguns espécimes de animais também cometem o suicídio, seria a afirmação de que tanto o suicídio quanto o homicídio, são praticados em momentos de fúria ou de tristeza profunda e incontrolável, um ímpeto que retira do ser humano toda a sua capacidade de controle e então, qualquer indivíduo ao atingir esta abissal falta de controle de si mesmo e da sua mente, pode matar e pode se matar, pois, somos humanos e, como tais insanos, tiranos ou bons samaritanos, mas humanos, demasiadamente humanos. Por

incontáveis situações pode ocorrer o desejo de se matar e todos nós estamos e somos reféns desse desejo em algum momento da vida. Um amor não correspondido, doenças graves e incuráveis, decepções familiares, profissionais, infidelidade, enfim, a depressão se instala nas situações mais inusitadas, ocasionando o desejo de terminar com a dor matando-se de forma impensada, como única saída. Tão somente o fato de estarmos vivos e certos de que morreremos amanhã ou depois, já faz de todos nós, suicidas metafóricos, pois como dizia Fernando Pessoa: "Triste de quem é Feliz." Quem é feliz não enxerga um palmo diante do nariz.



(Aleister Crowley - 12 de outubro de 1875 · 1 de dezembro de 1947)

Aleister Crowley, inglês considerado um dos maiores e mais polêmicos magos do Século XX,

figura controversa e influente da sua época, era um ocultista de profunda visão teórica e possuía gigantesca visão e experiência prática em ocultismo e magia. Deixou registrado o seu vasto conhecimento em obras literárias, que ainda hoje são utilizadas como fonte de estudos e pesquisas. Persona não grata em muitos lugares por onde andou, Crowley granjeou o ódio de muitas pessoas e autoridades e conquistou a empatia de muitos outros, considerado um abjeto, demoníaco e indigno, ele foi levado aos tribunais em 1934 devido a um processo que ele mesmo movera contra uma de suas amigas e modelo de um de seus quadros. Ao ser inquirido se praticava realmente a magia negra, respondeu veementemente que jamais engendrara tal prática, por ser ela equivalente ao suicídio. Ao ser inquirido se era verdade que assinava "A Grande Besta 666", assentiu e confirmou que aquele era sua filosofia e estilo de vida e completou com uma clássica resposta: "BESTA 666 quer dizer apenas -LUZ DO SOL-. Podem me chamar de "Pequeno Amanhecer". Na prática da filosofia oculta e também do draconismo, 666 é o número da força sinistra do Eu Superior, o número do aspecto sombrio da Inteligência Solar do Daemon individual. Mas é também o número de Sorath, o Espírito do Sol, a força solar agressiva e impetuosa

que impulsiona a evolução. Esse número, 666, pode ser extraído do Quadrado Mágico Solar, ou Kamea, que é dividido em 36 partes, ou quadrados menores numerados, cuja soma total é 666, que é o número do próprio nome de Sorath extraído pelo cálculo de suas letras hebraicas. Desse quadrado, para fins práticos, também é extraído o sigilo de Sorath. Sorath é a verdadeira e espiritual Besta da Revelação, a revelação do próprio "Eu" com seu animalismo (não confundir com animismo) natural, primitivo e intrínseco que se torna autoconsciente; é a revelação do conhecimento com compreensão, da Gnose, e da sabedoria das sombras (o subconsciente e o aspecto feminino, Sofia, Shakti, Shekinah). O número 36 (3x6, 666) igualmente resulta em 9, a Lua, a consorte do Sol Negro (a Grande Besta, o Dragão de Sabedoria), demonstrando assim o equilíbrio entre as forças duais (como dois pilares) do universo e do ser humano, a união entre o feminino e o masculino, entre as trevas e a luz, entre o subconsciente e o supraconsciente, etc. A Lua é a yoni (vagina) de Shakti e o Sol Negro é o linga (pênis) de Shiva; a união de 999 com 666 que resulta finalmente em 9, a esfera do sexo, não somente o sexo humano, fisiológico e anatômico, mas principalmente o sexo metafísico e cósmico de todas as forças que são unidas para criar algo no universo